



Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornal O Estado de São Paulo

Centro Cultural Banco do Brasil – Brasília-DF, 18 de fevereiro de 2010

Publicada em 19 de fevereiro de 2010

Jornalista: ...que a Vera Rosa faça a primeira pergunta. Eu só queria, de novo, agradecer ao senhor por nos receber aqui. Nós estivemos aqui em agosto de 2007...

Presidente: Então, não faz muito tempo, Ricardo...

Jornalista: ...e eu queria repetir, eu queria repetir as palavras que dissemos naquela ocasião, de que o intuito da entrevista é reproduzir o seu pensamento na íntegra, nossa ideia é essa.

Presidente: (incompreensível), eu estou sem pensar...

Jornalista: De novo, muito obrigado. Vera, por favor, vamos começar?

Jornalista: Vamos. Presidente, na entrevista que nós fizemos com o senhor em agosto de 2007, nós perguntamos se o senhor já pensava em lançar uma mulher como candidata à sua sucessão. A sua resposta foi: “No momento em que eu disser isso, uma flecha estará apontada para esse nome, seja ele qual for.” Naquela época, o senhor já tinha decidido que seria a ministra Dilma a sua candidata?

Jornalista: Quando o senhor decidiu isso?



Presidente: Olha, Vera, primeiro, é muito importante, e está chegando a hora de o povo brasileiro saber por que esse grau de confiança que eu adquiri na Dilma, ele veio crescendo desde o momento em que eu conheci a Dilma. Veja, eu, antes da campanha de 2002, eu tinha um núcleo que coordenava a política energética para a minha candidatura, que era coordenada pelo companheiro Pinguelli. Muita gente que está no governo hoje participava daquele núcleo, muita gente de Minas Gerais, do Rio de Janeiro, o Tolmasquim participava daquele núcleo. E durante tempos eu sempre imaginei que um daqueles companheiros seria o meu ministro, não é? Você trabalha muito tempo junto com uma pessoa e é aquela que vai ser guindada. Quando, já um belo dia, nós fizemos uma reunião no Instituto de Cidadania e lá me aparece uma moça que era secretária de Energia do estado do Rio Grande do Sul. E, depois daquela reunião, eu fui me convencendo de que eu tinha encontrado a ministra de Minas e Energia do meu governo. Mas fiquei com aquilo um pouco comigo, até que eu ganhei as eleições e começou um processo de negociação partidária, e o companheiro José Dirceu e o Genoíno, que tinham ficado de conversar com os partidos políticos, tinham conversado com o PMDB, que na época reivindicava o Ministério de Minas e Energia.

Jornalista: Já tinha até acertado, não é?

Presidente: E eu disse ao companheiro José Dirceu que aquele Ministério não ia ser de outro partido político, porque eu tinha encontrado a ministra ideal para ser do Ministério. Bem, foi assim que a Dilma virou a ministra de Minas e Energia. E depois, dentro do governo, a dedicação, a capacidade de trabalho, as noites até as três, quatro horas da manhã trabalhando para tentar estabelecer um novo marco regulatório do setor energético, a capacidade e a inteligência da Dilma de aprender com facilidade as coisas, de estudar, foi



ganhando dentro de mim a ideia de que estava nascendo ali mais do que uma simples tecnocrata, estava nascendo ali uma pessoa com um potencial político extraordinário, até porque a vida dela foi uma vida política importante. Bem, quando aconteceram todos os problemas, que o companheiro José Dirceu saiu do governo, eu tinha a pessoa já planejada para ir para lá, ou seja, eu não tinha dúvida de que não teria discussão de quem viria assumir a Casa Civil, de que a Dilma tinha o perfil de assumir a Casa Civil e, portanto, ajudar a governar o País. Bem, e na Casa Civil a Dilma, então, se transformou, eu diria, na grande coordenadora das políticas de governo. Então, foi quase uma coisa natural a indicação da Dilma, foi quase uma coisa natural. Não houve necessidade de um esforço muito grande, ou seja, eu tinha dentro do governo alguém que eu considerava mais capaz do que qualquer outra pessoa, não apenas para ajudar a gerenciar o governo, mas para disputar uma eleição e cumprir um programa e governar, para fazer as coisas corretamente.

Jornalista: Mas a escolha da Ministra só ocorreu porque teria havido um vazio no PT, como disse o ex-ministro Tarso Genro...

Presidente: Não, não. Eu não concordo, eu não concordo...

Jornalista: ...já que os principais candidatos à sua cadeira foram dizimados pela crise do mensalão?

Presidente: Não, eu não concordo. Primeiro, que não tinha principais candidatos. Isso aí é coisa que alguém inventou.

Jornalista: O Zé Dirceu, o Palocci...



Presidente: Na minha cabeça não tinha principais candidatos, na minha cabeça, todo mundo era ministro. Os principais candidatos... ele acontece ou quando o partido determina ou quando o Presidente da República, que tem responsabilidade, indica alguém para o partido. Então, a Dilma não entrou num vazio, pelo contrário, eu acho que a Dilma entrou por duas razões: primeiro, pela capacidade de trabalho dela e pela inteligência dela, e pela dedicação que ela teve ao País nesse período em que ela trabalha comigo. Poucas vezes... tinha a Dilma, a Graça e a Erenice no Ministério de Minas e Energia, às vezes eu procurava essas pessoas, eram três horas da manhã, quatro horas, e elas estavam saindo de trabalhar, para fazer as coisas acontecerem. Então, uma pessoa que tem essa dedicação extraordinária merecia, da minha parte, consideração. Foi esse o critério pelo qual a Dilma foi... Eu estou absolutamente convencido de que a Dilma é, hoje, a pessoa mais preparada, tanto do ponto de vista de conhecimento do Brasil, quanto do ponto de vista da capacidade de gerenciamento do Brasil.

Jornalista: Presidente, tá, mas o senhor nunca se fixou única e exclusivamente na ministra Dilma, houve um processo. O fato de que os acontecimentos do primeiro mandato... o senhor nunca foi única e exclusivamente focado na ministra Dilma. Aquilo influenciou a escolha, e natural, então, que o senhor tratou, da ministra Dilma?

Presidente: Veja, é que muitas vezes, muitas vezes as pessoas têm a imaginação fértil. No primeiro mandato, o principal candidato era quem era Presidente da República.

Jornalista: Claro.



Presidente: Em um país que tem reeleição, obviamente que eu não estava pensando em quem ia me substituir, no primeiro mandato.

Jornalista: ...do primeiro mandato, eu estou falando do candidato. O que aconteceu no primeiro mandato ajudou o senhor, depois, a definir então a escolha da ministra Dilma?

Jornalista: A crise do mensalão...

Jornalista: A crise do mensalão ajudou?

Presidente: Não, veja, eu acho que o primeiro mandato serviu para que a gente pudesse construir – antes, durante e depois da crise – uma política de governo que permitisse à gente ver a capacidade da companheira Dilma Rousseff, que já tinha se mostrado muito forte no Ministério de Minas e Energia e que se consolidou na Casa Civil.

Jornalista: Aquele momento, quando o senhor chamou ela, no Rio, de mãe do PAC, lá no...

Ministro Franklin Martins: Rocinha...

Jornalista: ...na Rocinha, aquilo, o senhor... foi um momento meio que representado, pelo menos, da sua vontade prévia, para fazer dela...

Presidente: Se foi, foi sem querer. Veja...

Jornalista: Mas o senhor chamou com vontade!



Presidente: Mas deixa eu contar uma coisa para vocês, gente. É porque antigamente, como é que você fazia programa em um país, como é que você fazia programa? Você contrata uma dezena de consultores – está cheio de empresas de consultoria – e pede para a consultoria fazer a proposta política do setor energético, a proposta política do setor ferroviário, a proposta política do setor... você monta vinte ou trinta projetos e apresenta para a sociedade. No PAC, nós fizemos uma coisa diferente. No PAC, primeiro, nós fizemos um levantamento dos principais problemas e carências das principais regiões do País, das regiões metropolitanas do País. Com base nessas carências, nós chamamos todos os governadores, acertamos com os governadores, e depois chamamos todos os prefeitos das capitais. E descobrimos que, muitas vezes, tinha divergência entre prefeitos e governadores, e aí chamamos os dois juntos. Então, nós construímos um programa de governo a partir da realidade e a partir da vontade das pessoas que queriam trabalhar a solução dos graves problemas do Brasil. E, eu iria lançar o PAC, na verdade, antes da eleição. Eu fui orientado de que era melhor não utilizar o PAC em campanha eleitoral, porque...

Jornalista: Antes de 2007...

Presidente: ...a gente não precisaria dele para ganhar as eleições. Veja o otimismo que reinava no governo! “Você não precisa do PAC para ganhar as eleições. Então, não vamos gastar uma peça importante apenas lançado no mês de outubro ou novembro, que vai cheirar a uma coisa eminentemente eleitoral.” Então, nós aguardamos e lançamos o PAC. O que foi sagrado nessa coordenação da companheira Dilma Rousseff? Porque muita gente dizia: “A Dilma é dura, a Dilma é não sei das quantas...” Não. Na hora em que se coloca as pessoas sentadas em volta de uma mesa, você tem que ser duro quando é



preciso ser duro, flexível quando é preciso ser flexível. O que é importante é que você encontre sempre o denominador comum.

Bom, o que aconteceu é que nós fizemos um baita de um programa de investimento de dinheiro público e privado, combinado com os entes federados, discutido e acertado com o governo federal. Nunca, antes, tinha acontecido isso no País. Obviamente que a Dilma, por ter feito esse trabalho todo, por ter chamado aqui os governadores, por ter chamado os prefeitos aqui, e toda semana subia para me prestar contas, para mostrar o que estava acontecendo: quem era o governador que estava com problema? Eu chamava o governador; quem era o prefeito...? Ora, eu me senti no direito de dizer, lá na Rocinha, que ali estavam diante da mãe do PAC, a mulher que tinha – com a sua equipe – gestado um programa. E o PAC surgiu também, companheiros, pelo fato de que eu tinha muito medo do segundo mandato.

Jornalista: Por quê?

Presidente: Eu... quem me conhece há mais tempo, e você sabe disso, eu nunca gostei do segundo mandato. Eu sempre achei que o segundo mandato poderia ser um desastre. Eu lembro que no enterro do velho Frias, eu conversando com o Fernando Henrique Cardoso, à beira do caixão, ele falou para mim assim: “Você vai ver, quando faltarem dois anos para terminar o governo, os problemas que [se] enfrenta”, porque a cabeça das pessoas já está no futuro. Pois bem. Então, eu ficava pensando: se no segundo mandato o candidato a Presidente, o Presidente não tiver vontade, não tiver disposição, não tiver garra, não tiver... e ele ficar naquela mesmice das coisas que fez no primeiro, vai ser uma coisa tão desagradável, que é melhor que não tenha.

Jornalista: O senhor acha que o senhor está enfrentando isso, agora?



Presidente: Aí, veja... Não. Não, porque nós temos coisas para fazer ainda, de forma excepcional, e eu acho que o PAC foi a grande obra motivadora do segundo mandato.

Jornalista: Mas todo mundo só fala em eleição, agora!

Presidente: Eu acho ótimo, daqui a pouco vai estar todo mundo na rua fazendo campanha, muito. E eu pretendo fazer, no final de semana, muita também. E eu vou estar governando o País, porque até o dia 31 de dezembro a minha obrigação é governar o País. Então, eu não vou esquecer nenhuma obra, eu vou fiscalizar todas, eu vou atrás das obras, eu vou inaugurar obras, eu vou dar ordens de serviço nas coisas. Por quê? Porque quem engorda o porco é o olho do dono. Se o olho do dono não estiver em cima, as coisas não funcionam.

Jornalista: Presidente, qual a sua opinião sobre quem afirma ou insinua que o senhor estaria desrespeitando a Lei Eleitoral, antecipando demais a campanha? O que o senhor pensa disso?

Presidente: Eu acho que é só me acompanhar, para ver. Não há nenhum desrespeito à Lei Eleitoral. Agora, o que as pessoas não podem é proibir que um presidente da República inaugure as obras que fez! Ora, qual é o papel da oposição? É criticar as coisas que nós não fizemos. Qual é o nosso papel? Mostrar as coisas que nós fizemos e inaugurar. E, possivelmente, possivelmente, nenhum presidente da República teve a chance de inaugurar a quantidade de obras que eu tenho para inaugurar. São muitas, e eu vou viajar muito aqui dentro para inaugurar essas obras. Houve um tempo em que os governantes faziam apenas uma juntada de dinheiro nos primeiros três anos de governo – juntavam dinheiro, juntavam dinheiro – para tentar anunciar obras no



último ano. Isso morreu. O povo já não... Eu lembro que eu morava na Vila... eu morava ali na Vila das Mercês, ali no Parque Bristol, quando em uma eleição de [19]74, se não me falha a memória, ou [19]72, foram na Rua Verão e colocaram postes, colocaram sarjeta, com o candidato debaixo do braço. Terminaram as eleições, passou o caminhão e recolheu guia, sarjeta e poste. O povo não se ilude mais com isso, não! Então, nós vamos entregar obras. E por que eu estou apresentando o PAC II? Veja, porque eu quero... nós temos a Copa do Mundo, nós temos as Olimpíadas de 2016, nós temos a continuidade de muitas obras do PAC I, que vai levar mais dois ou três anos para acabar. E nós precisamos colocar na LDO do ano que vem, deste ano, no Plano Plurianual e no orçamento já, dinheiro, para quê? Para que quem entre no governo já tenha dotação orçamentária para fazer determinadas obras. E aí o governante vai ter a liberdade de dizer o seguinte: “Bom, eu tenho 1 bilhão para determinada obra, mas essa obra não é minha prioridade, eu vou propor uma outra obra e vou propor [re]manejar esse dinheiro, e tal...” Pode fazer isso. Mas eu quero deixar pronto, é o meu compromisso com este País, é deixar um roteiro de coisas que eu acho que são vitais, o que também não é opinião pessoal minha, já estamos ouvindo os governadores, os prefeitos, para a gente poder apresentar isso. Então, se alguém disser: “O Lula está viajando, é eleitoreiro”. Meu caro, então, pressupõe-se que o presidente da República deva ser colocado em uma redoma de vidro no dia 1º de janeiro, quando ele toma posse, até o final do mandato. Porque neste país, você no primeiro ano não governa, porque você pega o orçamento do governo anterior; no segundo ano você tem eleições para prefeitura, e você não pode fazer nada; seis meses, a partir de julho, você não pode fazer nenhum convênio, então você perde seis meses no ano; no ano seguinte você governa bem, e no último ano você não pode governar porque tem eleição. Então, eu acho que todo mundo compreende isso. Agora, aqueles que vão levantar a tese de que tem que impedir o Presidente...



Jornalista: Presidente, quem partilha dessa tese acusa de que o senhor praticamente pede votos para a Dilma nas inaugurações, de uma forma indireta ou...

Presidente: Eu dizer que vou fazer minha sucessão é o mínimo que eu espero de mim! É o mínimo que eu espero de mim! Ou seja, eu acho que a grande obra de um governo é ele fazer o seu sucessor. Não faz o seu sucessor quem está pensando voltar quatro anos depois. Aí, prefere que ganhe o adversário. Não é o meu caso.

Jornalista: O senhor não está pensando...

Presidente: Não é o meu caso. Eu estou pensando que este país tem um programa de governo e que depois do próximo presidente venha outro presidente para dar continuidade. Este país aprendeu uma coisa que há muito tempo a gente tinha perdido: este país aprendeu a crescer, a distribuir renda e, portanto, nós não temos mais o direito de parar, só isso.

Jornalista: Mas, Presidente, pegando esse gancho, há quem diga que o senhor só escolheu a ministra Dilma - que é uma cristã nova no PT, tem só nove anos de filiação - porque, ela eleita, vai ser fiel ao senhor, o senhor é o criador da ministra Dilma e deixa a porta aberta para o senhor voltar em 2014. O senhor não pensa em voltar? Concorrer novamente?

Presidente: Olha, somente quem não conhece o comportamento das mulheres e somente quem não conhece a Dilma é que pode falar uma heresia dessas. Ora, meu Deus do céu, porque todo mundo tem personalidade, ninguém aceita ser “vaca de presépio” e muito menos eu iria escolher uma pessoa para ser



“vaca de presépio”. Não faz parte da minha vida nem no PT, nem na CUT, não faz parte da minha vida. Eu já tive a graça de Deus de governar este país por oito anos. A minha tese é a seguinte: rei morto, rei posto. Quem for eleito, vai governar este país. E a Dilma tem que criar o estilo dela, a cara dela e fazer as coisas dela. E a mim cabe, como torcedor da arquibancada, ficar batendo palmas para os acertos dela...

Jornalista: Mas o senhor...

Presidente: ... e torcendo para que dê certo, que faça o melhor. Não existe essa hipótese. Olhe, olhe, toda vez... eu acompanho muito o processo eleitoral, eu não sou cientista político, mas me interessa muito por política. Eu fico só mapeando as coisas, o que acontece nos outros anos. Todo político que tentou eleger alguém manipulado, quebrou a cara. Você pode pegar a história de...

Jornalista: Quércia e Fleury...

Presidente: ... Jânio, e de Quércia e Fleury, você pode pegar Jânio e Carvalho Pinto.. você pode pegar, você vai pegando. Não existe essa hipótese, não existe.

Jornalista: Presidente, ela que faz...

Presidente: É como se alguém, é como se alguém fosse te substituir no jornal e você fosse ficar de fora, mandando. Não existe hipótese. A primeira coisa que você iria arrumar era um inimigo, era o cara que foi para o teu lugar. Então, se a gente não souber fazer política, você vai encontrar adversidade maior na própria pessoa eleita.



Jornalista: Mas o senhor não pensa em voltar em 2014?

Presidente: Não penso. Não penso. Veja, sabe qual é a minha preocupação com essas frases todas? É porque se eu disser que eu não posso... se eu disser... eu não posso dizer que não, porque eu não sei o que vai acontecer em 2014, vocês vão dizer: “Lula prevê o fracasso da Dilma e a volta dele.” Eu não posso dizer isso. Então, o ideal é que a normalidade das corredeiras da política sigam. Quem for eleito Presidente tem o direito legítimo de ser candidato à reeleição, ponto pacífico. Essa é a prioridade um.

Jornalista: O senhor não vai defender a mudança dessa regra da reeleição?

Presidente: Não, não vou. Não vou porque quando eu quis defender, ninguém quis.

Jornalista: Mandato de cinco anos...

Presidente: Deixa eu lhe contar uma coisa: eu fui defensor da ideia de cinco anos, sem reeleição. Hoje, com a minha experiência de Presidente, eu queria dizer uma coisa para vocês: ninguém, nenhum Presidente da República, num mandato de quatro anos, concluirá uma única obra estruturante no País.

Jornalista: Então, o senhor mudou de ideia...

Presidente: Mudei de ideia, mudei...

Jornalista: Mas é bom esse período assim: quatro mais quatro.

Presidente: Veja, por quê? Primeiro, se você for imaginar uma obra qualquer



que você queira fazer... Veja há quanto tempo os tucanos estão governando São Paulo e o rio Tietê continua do mesmo jeito: é draga dali, tira terra, põe terra, tira terra, põe terra, tira terra, põe terra. Eu lembro do entusiasmo do Jornal da Tarde quando, em 1982, o banco japonês ofereceu 500 bilhões, 500 milhões de dólares, para resolver aquilo... A verdade é isso, é que para a desgraça do povo de São Paulo, você vê que as enchentes continuam. Eu até mandei o Franklin fazer um levantamento para ver o que se falava da enchente quando era a Marta prefeita, quando era a Erundina prefeita, e o que falam agora, para ter uma comparação do comportamento. Eu não culpo o Serra, eu não culpo o Kassab, eu acho... eu não culpo nenhum governante. Eu acho que quando a chuva é demais, quando você ... isso acontece na xícara, a gente tomando café, se você não olhar e cair café demais, vaza. Então, eu acho que é o seguinte: é preciso a gente fazer obras? É preciso fazer obras. Agora, a gente ficar utilizando as chuvas exageradas... Eu não posso nem contar para vocês, em meu apartamento em São Bernardo está caindo mais água dentro do que fora, porque choveu tanto, choveu tanto, que vazou. Você, que é arquiteta Clara, vá lá ver, está vazando água por tudo quanto é laje, já passou para a primeira, para a segunda. Esses dias, meu filho me ligou às duas horas da manhã: "Pai, estou com dois baldes de água, cheios." E ele mora no andar de baixo do meu, ainda, significa que passou do... Então, é tanta água em São Paulo, no Rio de Janeiro, que nós temos... Eu fui lá, no dia do aniversário de São Paulo, e disse no meu discurso: o governo federal está disposto a se sentar com o governo do estado e com o prefeito da cidade, e discutir uma saída, uma tomada de posição dos três entes federados, para a gente ver se a gente consegue resolver o problema de São Paulo, que é gravíssimo, é gravíssimo. E essa é a nossa opção. Por isso é que no PAC II nós vamos ter grandes propostas de investimentos, para cuidar da questão da drenagem das grandes cidades e para cuidar das questões das enchentes nas cidades nós não queremos ficar aqui: "Ah, é meu adversário, deu enchente, que ótimo."



Não! Porque eu, eu... quem está falando para vocês viveu muitas enchentes dentro da casa, que dava cheia. Então, eu não quero isso...

Jornalista: Na Vila Carioca.

Presidente: Não quero... Na Vila Carioca, na Vila das Mercês, na Ponte Preta, em São Caetano, na Vila São José, no...

Jornalista: Presidente, o senhor disse que tem alto grau de confiança na ministra Dilma, e logo em seguida disse que ela vai adotar o estilo dela, o modo dela. O senhor daria a ela alguma recomendação? Há quem afirme que ela poderia ser muito contra à “Carta aos Brasileiros” de 2002, que o governo da Dilma seria ainda mais à esquerda do que o seu. Como é que o senhor administra essa dose de confiança, mas também com respeito ao estilo dela?

Presidente: Veja, primeiro porque eu acho que o estilo próprio e a característica das pessoas não mudam. Quando a Dilma - ganhando as eleições - tomar posse, ela vai montar primeiro o governo que ela entender que deva montar, as pessoas em quem ela confia. Segundo, ela vai tomar as decisões que ela entenda que deva tomar. O Lula estará...

Jornalista: Mas, Presidente...

Presidente: ...fora, fora. E acho que não existe – e aí eu só posso avocar a minha história no Sindicato e a minha história no PT – não existe possibilidade de um ex-presidente ficar dando palpite no que o novo presidente tem que fazer. Faça. E o novo presidente tem que ser julgado pela totalidade do seu mandato. Um erro não condena ninguém, ou seja, é preciso que a gente espere o mandato para saber se a pessoa cumpriu. Eu vou poder, ao terminar



o meu mandato, vou poder fazer uma comparação do programa que nós nos propusemos a cumprir e o que nós cumprimos.

Jornalista: Presidente, pelas diretrizes do programa de governo apresentadas pelo PT, um eventual governo da ministra Dilma parece que vai ser mais à esquerda do que o seu. Não, o senhor não está achando isso?

Presidente: Eu ainda não o vi, ainda não vi o programa do PT. Eu sei que tem discussão. Mas eu conheço bem a Dilma, conheço bem demais. E como eu acho que ela deve imprimir o ritmo dela, se ela tomar uma decisão mais à esquerda do que eu em alguns momentos, eu tenho que encarar com normalidade e se ela tomar uma decisão mais à direita do que eu, eu tenho que encarar com normalidade. Um presidente da República age em função da realidade de cada dia.

Jornalista: É que quando o senhor...

Presidente: E eu tenho total confiança na Dilma, total confiança de que ela saberá fazer as coisas corretas para este País. Uma mulher que passou a vida que a Dilma passou e que é uma mulher sem ranço, que é uma mulher sem mágoa, que é uma mulher sem preconceito, venceu o pior obstáculo, que é vencer o ranço e o preconceito.

Jornalista: Presidente, a sua própria experiência de poder... a realidade do poder já o fez mudar de entendimento em relação ao mandato. A experiência de poder também... em que medida ela lhe distanciou, não no sentido de uma ameaça, mas o distanciou do pensamento do PT mais, digamos assim, um pensamento mais utópico?



Presidente: Veja, o PT que chegou ao governo comigo em 2002 não era mais o PT de [19]80, não era mais o PT de [19]82.

Jornalista: Não era o da “Carta ao Povo Brasileiro”...

Presidente: Não era o PT. Mas não era o PT!

Jornalista: (incompreensível) os documentos do PT então...

Presidente: Não é verdade, gente, não é verdade. É que vocês, muitas vezes, vocês, muitas vezes, deixam de analisar “os” documentos e muitas vezes vocês pegam “um” documento do PT. Em um congresso do PT aparecem 20 teses, tem gosto para todo mundo. Aquilo é uma feira de produtos ideológicos, as pessoas compram o que querem e vendem o que querem. Ora, o que eu estou querendo dizer para vocês é que o PT, quando chegou à Presidência da República, a gente já tinha aprendido com umas dezenas de prefeituras que nós já tínhamos governado, a gente já tinha aprendido com as experiências do governo do Acre, do Rio Grande do Sul e do Mato Grosso do Sul, nós já tínhamos gente que tinha sido secretário, muita gente que tinha sido prefeito. Então, o PT que chegou ao governo foi o PT maduro. Eu já disse publicamente, eu já disse publicamente. Eu, de vez em quando, acho que foi obra de Deus não permitir que eu ganhasse em [19]89. Sabe por quê? Se eu chego em [19]89 com a cabeça do jeito que eu pensava, ou eu tinha feito uma revolução no País ou tinha caído no dia seguinte. Então, eu acho que foi Deus que disse o seguinte: “Ó, baixinho, você vai perder várias eleições, mas quando você chegar, você vai chegar sabendo o que é tango, o que é samba, o que é bolero. Você vai fazer um programa que não seja nem de esquerda, nem de direita, mas um programa que seja a expectativa da sociedade brasileira”. Por que, qual era o meu dilema, meus filhos? O meu dilema era enfrentar os 20%.



Eu já estava cansado de ser o PCI italiano. Vocês estão lembrados, o PCI italiano, passou dois... três décadas sendo o maior partido comunista do mundo ocidental, mas não passava de 30%. E eu não tinha vocação para isso. Eu não tinha vocação para isso. Então, eu preciso dos outros 20%. Então, onde é que eu fui encontrar? Na Carta ao Povo Brasileiro e no Zé Alencar. Essa mistura de um sindicalista com um grande empresário, e um documento que fosse factível e compreendido pela esquerda e pela direita, pelos ricos e pelos pobres é que me garantiu chegar à Presidência da República.

Jornalista: É, mas mesmo assim o senhor teve que funcionar, exatamente por isso, como um fator moderador, durante muitos momentos do seu governo, em relação ao partido.

Presidente: Igual continua sendo.

Jornalista: Pois é, mas a Dilma saberá fazer isso?

Presidente: Eu não morri. A Dilma? Ah, muito. Você não sabe...

Jornalista: Presidente, o André Singer, que foi seu porta-voz, deixa claro naquele artigo que ele escreveu para a revista Época, e até me permita a síntese, ele falou assim, ó: “Existe um lulismo” – é uma forma de explicar as coisas, vão dizer que é rotulado mas, enfim – “que é um forte poder distributivo do Estado social, com uma receita econômica conservadora”. O PT nos documentos, e não é... não estou falando de qualquer documento, o documento-chave do partido, antes, não era uma economia que é essa que o senhor seguiu e que tem a ver, sim, com aquela economia de experiências de prefeitura, de governo de estado e tal, que o senhor tem razão sobre isso. Mas, a sua economia é a economia de...



Presidente: Deixa eu lhe contar uma história. Eu, quando entrei no movimento sindical, eu me deparei com uma situação no movimento sindical, que era o seguinte: a gente pedia sempre o impossível, porque nós tínhamos medo de que – como dizíamos na época – que a patronal atendesse às nossas reivindicações. Então, se você pedisse 80% e atendesse, você falava: “Será que eu não estou pedindo pouco?” Eu adotei, no movimento sindical, a tese de que a gente teria que pedir o mais próximo daquilo que a gente imaginava que era possível conseguir. Ou seja, uma dosagem de realismo para as assembleias, que queriam sempre mais. Então, a gente já não tinha mais que ficar vendendo para o trabalhador a numerologia da greve, ou seja: “Vamos pedir 100%, vamos pedir 150%”. Não. Nós vamos conseguir quanto? Qual é a lógica? E, aí, toda uma operação de trabalho com a diretoria, de análise de cada fábrica: é 50%? É 50%. Então, vamos pedir 60%. Vamos pedir sempre algo próximo daquilo que a gente pode alcançar.

Ora, em um programa de governo, necessariamente, não há nenhum erro nisso, nenhum crime nisso, nenhum equívoco, de que um partido tenha um programa mais progressista do que o governo. Não existe. Por quê? Porque o partido, muitas vezes, ele defende princípios, muitas vezes ele defende coisas que o governo não pode defender, o governo tem que fazer. E muitas coisas defendidas por um partido, hoje, só podem ser feitas daqui a 15 anos.

Jornalista: O senhor acha que é isso que está acontecendo agora?

Presidente: Vamos pegar um exemplo, aqui, só para a gente não deixar de falar de Fernando Henrique Cardoso, para a gente nominar bem, mapear, demarcar o campo de classe aqui, da disputa.

Ou seja, qual é a lógica? Em 1985, o mesmo público que não aceitava Fernando Henrique Cardoso prefeito de São Paulo, porque era comunista, o



elevou à Presidência da República em [19]94, 9 anos depois. E já tinha assimilado ele, quando foi eleito... quando assumiu o lugar do Montoro, no Senado. O que eu quero dizer? É que a sociedade também evolui, a sociedade evolui. A sociedade vai compreendendo as pessoas na medida em que as pessoas vão exercitando as coisas. O Fernando Henrique Cardoso, depois daquilo, foi eleito suplente de senador, foi constituinte, ele foi criando uma outra imagem para a sociedade que via nele um comunista e conseguiu criar em torno dele uma aliança política que era impensável em [19]85. Então, na política vocês nunca imaginem que... Hipoteticamente, você acha que o PSTU ganhará uma eleição com o discurso dele? E vamos supor que, ganhando, você acha que ele governa com o programa? Não governa.

Jornalista: E o senhor acha que é isso que está acontecendo agora com essas diretrizes do PT?

Presidente: Não, primeiro, as diretrizes do PT estão muito conforme as coisas do governo.

Jornalista: Elas estão pregando...

Presidente: Até porque...

Jornalista: ...o fortalecimento da presença do Estado. O senhor (incompreensível).

Presidente: Minha querida, deixa eu lhe falar uma coisa, deixa eu falar. Eu não conheço o programa, portanto tudo que eu falar aqui do programa é “chutômetro” meu e “chutômetro” em política é muito ruim. Mas eu quero crer que a sabedoria do PT é tão grande que o PT não vai jogar fora a experiência



acumulada do próprio PT em ter um presidente com 80% de aprovação depois de sete anos de governo, de ter um governo aprovado por 72% da opinião pública – não o Presidente, mas o governo foi aprovado. Isso é uma riqueza que nem o mais nervoso trotskista, Clara Ant, seria capaz de ser contra.

Jornalista: O senhor acha que tem algum candidato que pode significar retrocesso em relação ao que o senhor alcançou?

Presidente: Não... Veja, eu não quero julgar se alguém vai fazer retrocesso, até porque uma das coisas que eu digo sempre, que eu quero deixar como legado para o futuro deste país é a mudança de paradigma, ou seja, antes as pessoas tinham que subir apenas um degrau, hoje as pessoas têm que saber que passou alguém pela Presidência que fez 10 degraus, então ele vai ter que fazer 11. E vai ser tudo muito bonito porque como quem deixou a Presidência era um torneiro mecânico, historicamente desqualificado para assumir a Presidência da República, quem vier depois terá muito mais obrigação. Veja que coisa fantástica: o cara que veste a camisa do Pelé, ele pode não jogar igual ao Pelé, mas ele sempre vai ter um esforço tremendo para fazer. E eu acho que as pessoas que vêm, que vão disputar as eleições, todo mundo é muito inteligente, muito competente, eles vão ter um paradigma. A quantidade de escola é outra, o investimento na escola é outro, o investimento na saúde é outro.

Jornalista: O senhor acha que seu governo foi um “marco Pelé” na política e na forma de governar?

Presidente: Não, não. Eu diria que o nosso governo apenas muda o paradigma. Mudou de paradigma. Acho que quem for governar neste país tem uma fotografia diferente daquela que eu peguei, uma fotografia com mais



coisas e que nós vamos poder mostrar porque eu já tomei uma decisão. No dia 31 de dezembro, quando eu deixar a Presidência da República, quem assumir a Presidência vai receber, registrado em cartório, tudo o que nós fizemos neste país. Tudo, tudo o que nós fizemos, tudo o que nós não fizemos; tudo que foi bom e tudo que não foi bom, em cada área deste País. Cada centavo gasto será repassado para o próximo presidente da República, para ele não ter nenhuma dúvida de analisar, de discutir. Será mandado para as universidades, será mandado para os diretores, para a redação de política dos jornais, será mandado para o movimento sindical, será mandado para quem quiser acompanhar a vida deste País a partir daí. Eu quero criar um outro paradigma.

Jornalista: Presidente, mas na versão anterior do programa, o próprio programa dizia que um programa como o Bolsa Família, por exemplo, perderia a importância com o crescimento da economia. Em nosso encontro aqui, em agosto de 2007, o senhor chegou a mencionar que o sucesso do Bolsa Família seria medido pelo decréscimo de participantes no Programa, aquilo que seria um sucesso da sociedade. Hoje nós estamos com 2 milhões a mais de pessoas inscritas. Como o senhor avalia isso nesse final de governo?

Presidente: Primeiro, porque você há de convir também que nós aumentamos a renda *per capita*. Essa é uma coisa importante. Nós não ficamos na renda *per capita* inicial, nós aumentamos a renda *per capita* porque nós entendemos que uma pessoa que ganha, que tem uma renda per capita de 100, ou 120 ou de 130, continuar pobre do mesmo jeito. Então, o que nós queremos foi... aumentando a renda *per capita*, aumentar o leque de pessoas que participam. Mas vocês estão acompanhando o trabalho do ministro Patrus. Este ano nós vamos tirar 700 mil pessoas do Bolsa Família, e vamos tirar por pessoas que precisam sair porque ultrapassaram a média, vamos tirar porque são os prefeitos que cadastram, e se não houve o recadastramento vamos tirar.



Possivelmente, nós nunca trabalhamos no Brasil com a seriedade de cadastro como nós trabalhamos agora. Ontem, eu tive uma reunião com o Patrus Ananias, nós temos problemas na prefeitura de São Paulo que não cadastrou ainda pessoas que precisam ser cadastradas, sabe. E nós queremos...Veja não é isso.

Jornalista: Algum problema (incompreensível) em São Paulo?

Presidente: Veja, não é isso. Veja, veja que coisa fantástica, nós passamos para os prefeitos fazerem o cadastramento. É uma coisa que não tem um viés ideológico, ou seja, não tem... sabe. Não existe um contato direto entre o Presidente e o beneficiário. As pessoas vão lá, quem cadastra são os prefeitos de uma cidade pequena, de uma cidade grande. O cartão é enviado pela Caixa Econômica Federal, as pessoas não devem favor ao governo. E eu estou dizendo para vocês, lamentavelmente, veja, lamentavelmente, nós ainda estamos em um processo de renovação de cadastro, a cada ano fazemos renovação de cadastro. E eu acho que nós vamos diminuir o número de pessoas que participam do Bolsa Família. Nós vamos diminuir na medida em que a economia continue crescendo, mais gente gerando emprego, mais gente ganhando mais, nós vamos diminuir. Vai chegar um momento em que o crescimento da massa salarial, o crescimento da renda nacional vai diminuir o número de pessoas, aí nós temos que tomar a decisão, aumentamos a renda *per capita* ou não? Porque, veja, o que ficou provado nesse momento histórico que nós estamos vivendo, é que grande parte do sucesso do enfrentamento da crise econômica, se deveu ao fato dos pobres estarem consumido alguma coisa neste País. É por isso que quando saem as pesquisas mostrando que no Norte e no Nordeste as classes D e E, consumiram... D e E consumiram mais do que a classe A do centro-sul, sabe, eu fico triste, porque eu queria que a classe A consumisse um pouco mais. Mas fico feliz porque significa que os



pobres estão adentrando aos shoppings, estão comprando coisas, isso é maravilhoso. Então por que eu vou me preocupar de acabar com um Programa desse? Por que tanta gente se incomoda com o Bolsa Família que gasta 11 bilhões, quando na verdade é um baita de um investimento alavancando as pessoas mais pobres desse país! Você sabe quanto nós já gastamos no programa Luz para Todos, para atender 11 milhões de pessoas? Mais de R\$ 11 bilhões. E aí Verinha, só o Estado pode fazer, porque é muito fácil você contratar uma empresa privada para fazer ligação nos grande centros urbanos.

Jornalista: No caso, Luz para Todos, desculpe a .. o termo que eu vou usar, mas os senhores usam e funcionam bem até, funciona, é... Contratam os serviços das distribuidoras, sob a supervisão de uma política pública de Estado, eles instalam e o senhor não precisou ressuscitar a Eletrobrás. Minha pergunta é ...

Presidente: Como? Nós estamos ressuscitando a Eletrobrás.

Jornalista: Não, ressuscitando mais no caso

Presidente: Eu quero ela...

Jornalista: Não, espera aí... Então o Presidente também quer... .

Presidente: Deixa eu lhe falar uma coisa para você. Primeiro o Luz para Todos só deu certo porque o Estado assumiu a responsabilidade de fazer.

Jornalista: Perfeito.

Presidente: Quem coordena o Programa, hoje, é um cidadão chamado Flávio



Decat, é ele que coordena. As empresas, as empresas privadas, e aí depois, eu não posso nem citar números ... que o Lobão pode dá o número para vocês, amanhã ... as empresas privadas....

Jornalista: Executam ... a política ...

Presidente: Executam, sob a supervisão do governo federal, porque quem paga é o governo federal.

Jornalista: Isso. Então a pergunta é...

Presidente: As empresas, as empresas, as empresas nem pagaram....

Jornalista: O senhor não pode fazer a mesma coisa, eu estou querendo pular para a Banda Larga.

Presidente: Pode, pode, pode....

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Pode, mas veja meu querido, nós não temos nenhum problema com a empresa privada que cumpre a sua meta. Agora, mesmo o Luz para Todos, vocês... eu não tenho aqui de cabeça, eu não queria chutar isso. Mas você pode pegar o telefone e ligar para o Lobão e perguntar: qual é a empresa que menos trabalho faz no Luz para Todos. Primeiro, eu descobri, há dois anos, que tinha... as empresas federalizadas não estavam funcionando, e que davam um prejuízo enorme ao Estado brasileiro. O que nós fizemos? Assumimos a direção. Porque, o que era uma empresa federalizada? O governo passado, na tentativa de privatizar, federalizou. Como eram empresas



que não eram lucrativas, ninguém quis comprar, ficou um “mico” na mão do governo.

Então, a história era a seguinte: o governo federal assumia a responsabilidade pelo déficit, mas os governos dos estados é que indicavam a direção e, aí, era partilhada politicamente a direção. O que eu fiz? Coloquei um companheiro, chamado Flávio Decat, que hoje é o diretor geral que administra o programa Luz para Todos e as empresas administradas. Elas passaram a dar lucro e passaram a cumprir as metas do programa Luz para Todos.

Agora, tem empresa privada – que eu não vou citar o nome aqui, porque é da responsabilidade do ministro Lobão – que fez menos do que deveria fazer. E essas, nós vamos em cima, porque elas têm obrigação. Então, se a empresa privada fizer, é tudo o que nós queremos. Porque quanto mais competitividade tiver entre elas, mais a gente vai reduzir o custo.

A banda larga é a mesma coisa. Ou você acha que nós temos interesse... Antes, só, da Eletrobrás. Eu quero criar uma megaempresa de energia no País. É importante vocês saberem: eu quero uma empresa que seja multinacional, que tenha capacidade de tomar empréstimo lá fora, que tenha a capacidade de fazer obra lá fora, e que tenha a capacidade de fazer aqui dentro. Por quê? Porque se a gente não tiver uma empresa que tenha cacife de dizer: “Se vocês não forem, eu vou”, a gente também fica refém das manipulações de poucas empresas que querem disputar o mercado.

Então, nós queremos a Eletrobrás forte, para construir parceria com outras empresas. Não queremos ser donos de nada, mas se tiver uma determinada obra que não queiram fazer ou estejam superfaturando no preço, nós entramos. E, aí, vamos mostrar que é possível baixar o preço.

A banda larga, gente, a banda larga é a mesma discussão. Nós... Veja, se as empresas privadas que estão aí no mercado puderem oferecer banda larga de qualidade, nos lugares mais longínquos deste país, a um preço acessível, por que não fazê-lo? Inclusive utilizando a própria rede do governo.



Jornalista: Mas a pergunta é se precisa de uma Telebrás para isso?

Presidente: Por que não fazer? Depende, depende. O governo só vai conseguir fazer uma proposta para a sociedade se ele tiver um instrumento. E o que seria uma nova Telebrás? Eu não quero uma nova Telebrás com três, quatro mil funcionários, não, eu quero uma empresa enxuta, que ela possa propor os projetos para o governo, o governo discute esses projetos e o governo partilha com as pequenas empresas, com as microempresas, com as grandes empresas a feitura. Até agora não houve.

Eu, agora, depois que nós começamos a discutir banda larga, nós começamos a discutir banda larga... Primeiro, nós tentamos comprar a Eletronet, diziam que a gente estava querendo estatizar quando, na verdade, a Eletronet era nossa. Um esperto de um síndico é que ficou com ela seis anos na mão, por causa de uma decisão judicial. Bom, agora nós recuperamos. Aí começaram a dizer que nós queríamos privatizar. Não. Nós fizemos uma discussão com o governo, a segunda discussão com o governo, aí convoquei uma terceira, não me agradei, convoquei a quarta reunião com o governo. Ou seja, depois de fazer a reunião no governo, eu pedi para o pessoal: “Eu quero agora uma reunião com todas as empresas privadas, depois eu quero uma reunião com todos os “bichos-grilo” do país, que discutem banda larga. Tudo. Tudo que é gente aí, que vocês chamam da sociedade civil, que eu, carinhosamente, trato de “bicho-grilo”, quero ouvir todos. Quero ouvir todas as *lan houses*, ou seja, todas, são 108 mil no Brasil, vamos chamar a representação delas, para ouvir o que elas pensam. Vamos chamar o grande, o pequeno.

Agora já ouvimos todos, já ouvimos todos. O nosso programa está quase fechado, quase. Mais uns 15 dias para frente, que talvez possa dizer: “Tenho um programa de banda larga”. E aí sim eu vou chamar todas as empresas,



para dizer “está aqui o programa, agora, com base nisso aqui, eu quero saber o seguinte: eu quero saber quem vai colocar a última milha ao preço mais barato para o consumidor. Quem fizer, ganha. Quem não fizer, está fora”. É isso. Agora, para isso o Estado tinha que ter capacidade e força para barganhar. Porque, veja, quando foi feito o processo de privatização, discutiu-se que as empresas telefônicas iriam levar... Como é que chamava aquilo? Não era telecentro.

Ministro Franklin Martins: PST.

Presidente: Hein?

Ministro Franklin Martins: PST.

Presidente: PST. Bom, depois não levou. Aí quando nós começamos com a Eletronet, assumiram o compromisso conosco de fazer banda larga em todas as escolas públicas. Mas, você sabe, o governo é que nem jornalista, na hora que reivindica salário, o patrão pode atender, mas no mês seguinte quer um pouco mais. Ou seja, eu já não quero mais atender apenas às escolas urbanas. Eu acho que nós temos condições de fazer uma coisa para toda a sociedade, para cidade pequena, sabe. No campo, você pode levar via satélite...

Então, o que o governo quer é discutir com seriedade o que pode ser feito para que este País tenha acesso à banda larga e saia do analfabetismo digital. Isso nós vamos fazer, meu caro. E não existe prova nem testemunha de que nós queremos deixar quem quer que seja de fora.

Jornalista: Esses conceitos todos reforçam a tese – e aí tem os críticos dessa tese – de que o Estado deva ter um papel empreendedor cada vez mais forte, o que apareceu nas primeiras propostas de governo da pré-candidata Dilma e



isso os críticos afirmam que isso tem um risco para a sociedade. O Estado teria limites como empreendedor, que seria muito mais interessante o Estado fomentar, fazer as agências reguladoras trabalharem e moderar os agentes econômicos. Isso não estaria na contramão desse...

Presidente: Se eu fizer uma brincadeira, vocês não vão achar ruim comigo, não? Ora, o único estado forte que eu quero é o Estadão, sabe? Veja...

Jornalista: O Estadão está censurado.

Presidente: Deixa eu contar uma coisa para vocês.

Jornalista: O Estadão está enfraquecido por um decreto judicial.

Presidente: Primeiro, deixe eu falar uma coisa para vocês. Primeiro, não existe hipótese na minha cabeça de você ter um governo que vire um governo gerenciador. O governo tem dois papéis, e a crise agora reforçou a descoberta desse papel. O governo tem de um lado que ser o regulador e o fiscalizador, e de outro lado, o governo tem que ser (falha na gravação). Ou seja, quando você vai decidir fazer...

Jornalista: Do outro lado tem que ser...

Presidente: O indutor, o provocador do investimento, sabe, aquele que discute com os empresários: vai fazer o investimento? Vai... por que não faz em tal empresa? Aquele que, como eu, não tem vergonha de andar o mundo pedindo para os empresários virem fazer investimentos aqui dentro, provocando as nossas empresas a virarem multinacionais, provocando as nossas empresas a fazerem investimento lá fora. Aquele presidente que não tem vergonha de ligar



para um presidente da República e pedir para as empresas brasileiras participarem da licitação. Esse é o papel do governo: ser um indutor do desenvolvimento.

Eu lembro que quando o Bush veio aqui, o Bush não quis tirar foto na frente de um carro da GM ou da Ford: “Ah, isso é *merchandising*”. Pois eu tiro das três. Tiver as três aqui, eu tiro. Se eu pudesse, abraçava cada carro. Porque eu queria fazer propaganda do etanol.

Então, o Estado tem que prestar esse papel. Veja, na crise, agora, o que aconteceu? Vocês, que são sérios, sabem do seguinte: se na crise nós não tivéssemos tomado as medidas que nós tomamos e tivéssemos ficado esperando que o mercado fosse resolver, nós estaríamos prejudicados. Então, nós tínhamos a sorte de já ter o PAC funcionando, portanto, já havia um forte investimento público. Depois, tivemos a sorte de fazer desoneração mais rápido do que qualquer crítico imaginava que nós pudéssemos fazer. Depois, tivemos ideia de fazer com que R\$ 100 bilhões do compulsório voltassem para o mercado. E voltou para o mercado, mas os bancos privados que o receberam, não investiram na economia como a gente queria que investissem. Porque o crédito demorou muito para voltar nos bancos privados. Nós, então, começamos a pressionar o Banco do Brasil e a Caixa Econômica e o BNDES para que colocasse o crédito na rua. Era preciso não permitir... Vamos pegar um exemplo concreto, que vocês acompanharam: o Votorantim. Era um banco que tinha, me parece, também, quase que 90 bilhões de carteira de carro usado. Ou seja, “ah, o Banco do Brasil precisa criar financiamento de carro usado. Não tem *expertise*, não tem *expertise*”. Então, nós vamos comprar 50% do Banco Votorantim, para não precisar ficar fazendo *expertise*, vamos comprar a *expertise* que ele já tem. “Ah, o banco precisa comprar mais coisa. O Itaú e o Unibanco ficaram muito fortes, o Banco do Brasil está fragilizado em São Paulo. O Serra quer vender a Nossa Caixa, vamos comprar”. E tinha gente que dizia: “O Presidente é louco. Vai dar dinheiro para o Serra num ano



eleitoral”. Eu não estou pensando na eleição, não estou pensando no Serra, eu estou pensando é no Banco do Brasil, fortalecer o Banco do Brasil nesse momento de crise, que é quem tem dinheiro para ajudar a alavancar.

Então, esse é o papel do Estado, esse é o papel do Estado. Não quero nada mais do que isso: fazer as interferências em benefício deste País, e não ficar contratando burocrata para ficar dirigindo empresa, não é essa a minha cabeça.

Jornalista: Presidente...

Presidente: Bem, e isso, Vera, volta àquela discussão que eu acho que nem deveria existir mais, mas existe, então, eu faço ela. Vera, não existe hipótese, meu Deus do céu, de você querer melhorar a vida do povo brasileiro e não aumentar o papel do Estado. Ô Vera, você sabe quantos professores nós temos que contratar, para melhorar a educação? Você sabe quantos assistentes? Ou seja, nós tivemos que contratar 15 mil novos professores, porque nós estamos fazendo muitas escolas, estamos fazendo... Sabe, ou você contrata, ou não trabalha. Ou não trabalha, gente, então...

Jornalista: Mas o senhor não tem receio de que o PSDB venha, na campanha, com esse discurso de ganância, de contratação, de inchaço da máquina? O PT contratando 100 mil servidores...

Presidente: Eu vou mostrar para você uma coisa. Vou contar para você o que é inchaço da máquina. Em um país do tamanho do Brasil, a gente não mede... Eu vou dar um... Pode anotar aí, se você quiser. Sabe, cargos comissionados no governo federal, para uma população de 191 milhões de habitantes, relação de cargos comissionados por cada 100 mil habitantes. Então, por cada 100 mil habitantes, o governo federal tem 11 cargos comissionados. O governo de São



Paulo tem 31, e a prefeitura de São Paulo tem 45. Isso, vocês podem checar.

Jornalista: O senhor vai fazer essa discussão na campanha?

Presidente: Não, eu não quero fazer. Eu não sou candidato, eu não vou fazer discussão nenhuma. Eu só quero mostrar para vocês o seguinte: não existe hipótese...

Jornalista: Mas o senhor acha que um erro justifica o outro?

Presidente: Não, não, aqui não tem erro. Aqui tem...

Jornalista: Não, mas o que eu digo é o seguinte: São Paulo teria essa fartura de cargos. Aliás, que isso é uma fartura... É São Paulo, é o caso do DF, que é um absurdo, tem 18 mil cargos comissionados no Distrito Federal.

Presidente: Não, eu estou mostrando aqui, apenas, que o governo federal tem muito pouco cargo.

Jornalista: O senhor acha que isso é pouco cargo comissionado?

Presidente: Se comparado com qualquer outro... Se comparar com qualquer outro ente federado. Eu estou dando esse exemplo aqui para vocês fazerem investigação. Nem precisa publicar isso aqui, faça investigação. Porque nós, nós aqui, tomamos muita atitude com relação a isso. Então, a máquina pública, ela precisa estar preparada para funcionar, quando precisa dela.

Jornalista: Por que o senhor tem reclamado que... o senhor tem contratado tantos funcionários, o senhor tem reclamado sistematicamente sobre a



lentidão, às vezes, das obras, e diz: “Tem muita gente fiscalizando, mas pouca gente para fazer”.

Presidente: Não, é porque há uma contradição na República Federativa do Brasil. É que, muitas vezes, quando vocês se colocam do lado empresarial, ou eu me coloco do lado empresarial, parece tudo simples, fazer uma coisa do lado empresarial. Ah, eu vou fazer uma obra? Vou. Faço uma contratação, uma tomada de preço, escolho a melhor empresa e faço a obra. No governo não é assim. No governo, você tem “n” fatores, “n” fatores.

Qual é a crítica que eu faço? É que durante 25 anos a economia deste País não cresceu. Mas o fato da economia não crescer... e eu pego o último ano, o último ano foi do governo Geisel, porque de lá para cá não houve investimento em infraestrutura, lembrando que o governo Geisel investiu mas deixou a dívida para seus sucessores pagarem. Na medida em que o País ficou 25 anos sem fazer investimento, a máquina de execução foi ficando atrofiada e a máquina de fiscalização foi sendo montada. Então, hoje nós temos uma hipermáquina de fiscalização e uma máquina frágil de execução, por quê? É só você pegar a diferença de quanto ganha um engenheiro de 20 anos no DNIT e quanto ganha um engenheiro de três anos de formação no Tribunal de Contas. É só você ver quanto é que ganha um assessor nesses ministérios que têm que fazer as coisas e quanto ganha um cara que vai fiscalizar.

Então, o que eu, na verdade, defendo? Eu defendo que a gente tenha que ver mudanças na lei de licitação, que a gente possa ser mais rígido na exigência, mas que a gente seja mais prático e que a gente tenha mais agilidade. Porque hoje, se vocês tivessem a experiência que o Franklin teve de vir para o governo e vocês soubessem a diferença entre você tomar a decisão de querer fazer uma coisa e essa coisa acontecer... demora meses, meses, meses. Eu conto dois casos que fica até hilário, não é? Eu conto o caso da



pedra que foi interpretada como se fosse uma machadinha indígena lá nas obras do São Francisco e a perereca do viaduto do, sabe, lá do... Não, da 101, lá no Sul. Pararam seis meses as obras. Quer dizer, as pessoas não levam em conta o prejuízo que o País tem por conta disso. Você pega Belo Monte ficou 20 anos proibido estudar. Ora, meu Deus do céu.

Jornalista: Presidente, essa história que o Franklin me contou...

Jornalista: O senhor acha que essa área de fiscalização está muito politizada?

Presidente: Hein?

Jornalista: O senhor acha que existe politização nessa área de fiscalização?

Presidente: Veja, não é nem ideologização ou politização. Tem um certo fundamentalismo, ou seja, dentro de uma estrutura dessa, uma pessoa que quer assinar um serviço e tem um lá dentro mesmo que é contra. E às vezes as pessoas vão para o Tribunal de Contas, ou seja... O que eu acho é que nós precisamos ter diretrizes claras, tempos claros, porque não existe o compromisso do tempo, e o País é quem perde com isso.

Quando o Ministério Público entra com uma ação e paralisa uma obra, ou o Tribunal de Contas, eu não estou querendo que ele não faça a fiscalização, não. O que eu estou querendo é seguinte: o único caminho é parar essa obra? E o prejuízo? Uma obra parada há oito meses, qual é o prejuízo? Às vezes, você para uma obra dois anos e depois que você paralisa, você chega ao final de dois anos, constata que não era aquilo que você imaginava. Quem é que paga esse prejuízo para a nação? Não é para mim.

Jornalista: (incompreensível) ir embora.



Presidente: Eu acho que essas coisas é que nós precisamos começar a discutir para a gente poder... Isso só pode ser feito, não em um ano como este, que é um ano eleitoral. Mas você no começo do governo começar a discutir com os partidos, com a sociedade, como fazer para que você dê agilidade às coisas que você tem que fazer.

Jornalista: Por falar em partido...

Presidente: Eu fiquei aqui, neste país, três anos, esperando. Eu fiquei três anos aqui. Três anos eu fiquei esperando, sabe, depois de fazer não sei quantos pregões. Isso, depois o nosso pessoal pode pegar com o Ministério da Saúde, para dar kit dentário para as crianças nas escolas. Era o Humberto Costa o ministro da Saúde, ainda. E a gente fazia pregão eletrônico, acabava de fazer, alguém entrava com um processo anulando, ou seja, nós ficamos três anos para dar uma pasta de dente, uma escova de dente e não sei mais o que lá para as crianças nas escolas aprenderem a escovar os dentes. Quer dizer, não é possível que as pessoas não levem em conta que, na vida da gente, a gente não pode ficar tanto tempo com coisas paralisadas. Nem na casa da gente e muito menos no governo.

Jornalista: Vou passar para os partidos...

Jornalista: Por falar em partidos, quem vai ser o vice da ministra Dilma?

Presidente: Eu... o vice é uma coisa muito da candidata. Eu defendo a ideia que o PMDB, como o maior partido da base aliada, tenha o direito de indicar vice. Agora, essa é uma coisa que o PMDB tem que discutir com a candidata, porque o vice tem que ter afinidade com a bancada, tem que ter uma relação



entre os dois.

Jornalista: O senhor falou em Minas, eu estava conversando com o Ministro Patrus e lembrei, assim: no caso de Minas, o senhor acha que é bom resolver a favor do PMDB para facilitar a vida da pré-candidata Dilma?

Presidente: Olhe...

Jornalista: Porque lá tem candidato.

Presidente: Eu vou contar uma coisa para você. Nem em uma junta médica de especialistas dos melhores hospitais de São Paulo você tem uma solução pronta para aquilo lá.

Jornalista: Mas agora o senhor topou com a candidatura do...

Presidente: De onde que vocês tiraram...

Jornalista: Eu já lhe perguntei, Presidente...

Presidente: Mas de onde você tirou a ideia que eu estou propondo a candidatura do Zé Alencar?

Jornalista: Ué, existem...

Presidente: Não, eu não estou propondo, gente.

Jornalista: Mas, Presidente, mas eu não falei nem... eu não quero nem a solução se o senhor vai me dizer: "Bom, mas eu não vou me meter lá". Mas,



assim, para... O senhor é um homem ativo nessa articulação para, enfim, fazer a sucessora. Quanto mais palanque a Ministra tiver, arrumado, perfeito... Assim, o PMDB ficar com o governo de Minas, nessa coligação facilitaria a vida da ministra Dilma?

Presidente: Não, a aliança com o PMDB de Minas independe da candidatura ao governo do estado. O Hélio Costa tem me dito, publicamente, que a candidatura dele não é problema. O que o Hélio Costa propõe? Ele propõe o óbvio: que se encontre uma solução, que se faça no momento certo um estudo e veja quem é que tem mais condições e se apóie um candidato. E ele obviamente que reivindica para ele, o que é plenamente normal e legítimo.

Eu acho que os companheiros de Minas Gerais, tanto o Patrus quanto o Pimentel, se meteram numa encalacrada, porque estava tudo muito bem até que eles transformaram a disputa entre eles num problema de fissura, eu diria, muito ruim para o PT. Muito ruim para o PT. Como a política é a arte do impossível, quem sabe, até o mês de março eles consigam resolver os problemas deles.

Jornalista: E o senhor está disposto a subir em dois palanques, nos estados onde não tiver fechado uma aliança?

Presidente: Eu estou em uma situação tão tranquila, minha filha! Porque, dessa vez, eu não preciso subir em palanque. Dessa vez, quem tem que subir é a candidata.

Jornalista: Mas o senhor...

Presidente: Quer dizer, eu acho muito difícil.



Jornalista: É o maior cabo eleitoral, não é?

Presidente: Eu acho muito difícil. O que pode acontecer, na verdade, é uma candidata a Presidente ter dois governadores apoiando. Mas imaginar que ela pode subir em dois palanques é impossível. Eu acho. O que vai terminar acontecendo é que em alguns estados ela não vai poder ir, é isso que vai acontecer, porque ela não pode ir...

Jornalista: É o caso do Rio, Presidente?

Presidente: Não, não sei. Veja, eu não sei qual é o acordo. Mas sabe o que acontece? É que não é compreensível para a sociedade, não é compreensível. Você imagina um negócio: eu vou à zona leste de São Paulo com um candidato, e aí vou à zona sul com outro candidato. Ou seja, qual o discurso que eu faço? Como é que eu falo para o eleitor qual é o melhor? Para o da zona sul é o “A”, para o da zona leste é o “B”? Não, fica muito desagradável. O que você pode é dois governadores terem, na candidata majoritária, a melhor referência para a sua campanha no estado. Mas, enquanto pessoa, subir em dois palanques, eu só conheço uma experiência: eu levar o Eduardo Campos e o Humberto Costa para fazer comício junto em Pernambuco. Então, eu fazia comício com os dois. Estavam lá as bandeirinhas do PSB, as bandeirinhas do PT e eu dizia: “Olhe, não briguem, por favor, no segundo turno vocês vão ter que estar juntos”. Mas isso é difícil de construir. Você não conhece exemplo de um candidato a presidente que foi a dois palanques em um estado: foi em um de manhã e noutro à noite. Não existe.

Jornalista: A desistência da pré-candidatura do Ciro Gomes facilitaria a vida, também, da Ministra, ajudaria?



Presidente: Olha, deixa eu lhe contar uma coisa: o Ciro é um companheiro que eu tenho o mais profundo respeito. Eu já gostava do Ciro e aprendi a respeitar profundamente o homem político bom caráter que é o Ciro Gomes. E, portanto, eu não farei nada que possa prejudicar o companheiro Ciro Gomes. Agora, eu pretendo conversar com ele sobre a realidade política. Eu pretendo ver se, na discussão política, nós dois chegamos à conclusão de qual é o melhor caminho a ser seguido. Mas eu quero...

Jornalista: Mas ele disse que o “santo Lula” está errado.

Presidente: Tudo bem, mas é possível provar que o santo está errado. Por isso é que eu quero discutir.

Jornalista: Mas qual que o senhor acha que é o melhor caminho? Seria, na sua avaliação, o seu feeling?

Jornalista: O senhor continua...

Jornalista: (incompreensível) de São Paulo?

Presidente: Não, é que se eu disser agora para vocês, a minha conversa com ele vai ficar prejudicada. Não, não, veja, eu tenho uma tese de que seria importante que a gente fizesse uma eleição direta entre os dois principais candidatos.

Jornalista: Se ele não topar, o senador Mercadante seria o plano B de São Paulo?



Presidente: Não sei, eu também pretendo fazer uma discussão com o PT de São Paulo, para ver qual é... Alguém terá que ser candidato, alguém terá que ser candidato. O PT de São Paulo...

Jornalista: Não necessariamente...

Presidente: O PT de São Paulo vive o problema que eu vivi em nível nacional. O PT de São Paulo já não precisa provar para ninguém que tem 30% dos votos de São Paulo. O que nós precisamos em São Paulo é arrumar os outros 20[%] e fazer uma aliança mais ao centro do que mais à esquerda, como nós fazemos, ou seja, se partir do pressuposto que o PT é um partido de esquerda. Mas eu vou dar um exemplo concreto: em São Paulo, nós temos o problema dos 30%. Nós temos.... A gente... É só pegar a história, nós vamos ver que a Marta Suplicy perdeu para o Mário Covas no primeiro turno por 0,6% dos votos. Vocês estão lembrados disso, não é? E depois nós fomos apoiar o Mário Covas as duas vezes. Então o PT, em São Paulo, precisa fazer uma campanha, eu diria, mais... Quem sabe, em São Paulo a gente construiu uma Carta ao Povo Brasileiro, sabe...

Jornalista: Ao povo paulista.

Presidente: Ao povo paulista.

Jornalista: Ao povo paulista.

Jornalista: Presidente, o senhor...

Presidente: Quem sabe, nós precisamos disso. Agora, eu quero discutir com o PT de São Paulo, eu quero discutir com o Ciro, quero discutir com o PSB,



porque eu tenho muita relação. Se tem uma coisa que eu prezo muito é a relação de amizade que eu construo com as pessoas, eu quero... Não quero ninguém magoado nesse processo.

Jornalista: Agora, o Ciro, o deputado Ciro tem dado cada bombada linguística, cada pirada ali, cada bomba para cima de (incompreensível)...

Jornalista: Disse, repetiu que a aliança do PT-PMDB é marcada pela frouxidão moral.

Jornalista: ...a aliança é espúria, (quem se junta com o PMDB é espúrio), frouxidão moral, fragilidade.

Presidente: Bom, todo mundo conhece o Ciro Gomes por essas coisas. Mas eu acho que ele também não disse nada que não possa, que impeça uma conversa minha com ele ou uma conversa do PT com ele.

Jornalista: Presidente, existe um temor...

Presidente: Em política (incompreensível).

Jornalista: (incompreensível) o PMDB nessa aliança?

Presidente: Hein?

Jornalista: O PMDB, por ser o maior partido de oposição, o maior partido do País, não vai ser muito hegemônico essa aliança, ele tendo a vice? O que se teme no Temer, é isso?



Jornalista: (incompreensível). É o nome do vice? “Eu não tenho telhado de vidro...”

Presidente: Eu não posso dizer quem é, eu não posso dizer quem é o nome. Eu sei que o Temer, nesse período todo em que estamos convivendo juntos, que ele resolveu ficar na base do governo, foi eleito presidente da Câmara, ele tem sido um companheiro de um valor inestimável. Agora, veja, a questão do vice é uma questão a ser tratada entre o PT, a Dilma e o PMDB.

Jornalista: O senhor não acha que o Presidente do Banco Central faria um contraponto à imagem da Ministra?

Presidente: Eu não vou escolher o vice da Dilma, é ela que tem que escolher.

Jornalista: Presidente...

Presidente: Eu acho que eu já cumpri com a minha obrigação escolhendo a Dilma candidata a Presidente.

Jornalista: (incompreensível) o partido, em uma aliança, ele não fica muito poderoso, ali, na Vice-Presidência?

Presidente: Não, não. Veja, todo mundo sabe que nós temos uma relação extraordinária com os partidos que compõem a base. O PMDB tem 80 deputados, mas você tem vários partidos com 40 ou 50 deputados, que dois juntos formam a mesma força do PMDB. O dado concreto é que enquanto não houver uma reforma política, e eu já mandei duas propostas para o Congresso Nacional, você tem que construir uma base de governabilidade...



Jornalista: O PT, nesse congresso, no documento, vai insistir na questão da Constituinte exclusiva...

Jornalista: Constituinte exclusiva...

Jornalista: O senhor continua achando que é uma boa forma de fazer isso?

Jornalista: Para votar a reforma política?

Presidente: Veja, eu acho que se o Congresso fizer, não precisa. O que eu sinto é que o Congresso que está aí não faz, não faz. Eu sinto isso.

Jornalista: Presidente, antes de...

Presidente: Porque já mandamos as propostas, já mandamos duas, já conversamos com todo mundo, as coisas não andam. Vai até uma comissão e para, vai até outra comissão e para. Eu acho que era preciso ter uma reforma política, para o bem dos partidos e para o bem do País.

Jornalista: Presidente, antes de a gente entrar nas questões do dia, eu queria, talvez eu... Eu espero que não, mas isso (incompreensível).

Ministro Franklin Martins: Você, com uma forma sub-reptícia de prolongar a entrevista...

Jornalista: Espero que não, mas esse encontro nosso é um encontro importante, no fim de seu mandato, o segundo mandato. Eu não consigo me furtar de fazer uma pergunta reflexiva, de balanço, ao senhor. O senhor falou tanto em valores, em esforço político, o senhor passou por episódios naquela...



No episódio do presidente do Senado, José Sarney, de todo aquele movimento, uma pressão para que ele renunciasse, o senhor chegou a estar ao lado do Collor, lá em Alagoas, abraçou o Collor. Que balanço o senhor faz de frustrações e concessões? Há quem tenha ficado assustado com a foto do senhor abraçando o Collor, depois de tudo o que o senhor passou na campanha de [19]89. O que o senhor reflete sobre isso?

Presidente: Olha, primeiro deixa eu lhe dizer uma coisa muito objetiva, do ponto de vista político: o exercício da democracia exige que você faça política em função da realidade que você vive. O Collor foi eleito senador da República pelo voto livre e direto do povo de Alagoas, tanto quanto foi eleito qualquer outro candidato em qualquer canto da Federação. Portanto, ele está exercendo uma função institucional que merece, da minha parte, o mesmo respeito que eu dou para o Pedro Simon, que de vez em quando faz oposição, para o Jarbas Vasconcelos, que faz oposição. Se eu encontrar com o Jarbas Vasconcelos amanhã, eu vou cumprimentá-lo como eu cumprimentei o Collor. Não pensem que eu agirei diferente, porque não é o Lula que está cumprimentando. Se o Lula for convidado para determinadas coisas, o Lula não fará. Mas o Presidente da República tem uma função institucional e, portanto, ele cumpre essa função institucional para o bem do País, e até agora tem dado certo, até agora tem dado certo. Eu tenho utilizado o potencial de atuação do governo federal para fazer aquilo que eu entendo que deva ser feito, porque as pessoas agem com muita facilidade. Eu fui a uma reunião com a bancada do PT, em que eles queriam cassar o Sarney. Eu dizia: tudo bem, vocês cassam o Sarney, e quem vem para o lugar?

Jornalista: Mas o senhor acha que o eleitor entende isso?

Jornalista: Mas aquilo não era um (incompreensível) democrático?



Presidente: O eleitor entende. Agora, quem governa entende. Quem governa entende.

Jornalista: (incompreensível)

Presidente: Não, não.

Jornalista: Entende essa mudança de posição?

Presidente: O eleitor pode entender mais. Agora, quem governa é que sabe o tamanho do calo que está em sua perna, para aprovar uma coisa no Senado.

Jornalista: O seu governo, o governo do senhor...

Presidente: Então, o Sarney...

Jornalista: ...depende do Sarney no Senado, precisa do Sarney?

Presidente: Então, o Sarney, veja, o Sarney... Eu não... O Sarney foi um homem de uma postura muito digna comigo em todo esse episódio. A quantidade de acusações que vocês fizeram contra o Sarney, nenhuma se sustenta juridicamente. E o tempo vai provar. Agora, também, veja, o exercício da democracia não permite que a verdade seja absoluta para um lado e toda negativa para o outro.

Jornalista: Presidente, o senhor me desculpe, mas...



Presidente: Quando você pergunta da censura do Estado, que eu não ia fugir dela... Uma pessoa entrou num dos pilares da democracia com um processo contra o Estadão e esse pilar da democracia, que é a última instância a que todos nós recorremos, deu. Ora, pergunte para mim: “Lula, você é contra a censura?” Eu nasci na política, brigando contra a censura, exerço um governo em que eu duvido que alguém tenha algum resquício de censura, mas eu também não posso censurar que os Poderes exerçam as suas funções. Nem eu posso censurar a imprensa de exercer a sua função de publicar as coisas e nem posso censurar um tribunal e uma Justiça que dão uma decisão contrária àquilo. Deve ter instância superior, deve ter um órgão que vai recorrer para dirimir isso.

Jornalista: Presidente, o seu partido e o senhor lideraram um processo mais do que saudável para a República brasileira – impeachment do presidente Collor, investigação profunda do governo Collor – e nada se sustentou juridicamente porque o Supremo não o condenou. O senhor está dizendo que o jornal não deveria publicar as notícias porque elas não se sustentariam? A gente publica fatos, a gente não publica juridicamente, preocupados com sustentação jurídica.

Presidente: Se eu dissesse isso...

Jornalista: O senhor acabou de dizer o seguinte: que “tudo o que vocês publicaram não se sustenta juridicamente”. A gente não pode fazer esse jornalismo de cálculo político, a gente calcula os fatos apurados, checados, e o leitor nos julgará. Por esse seu raciocínio, o Collor não deveria ser “impeachado”, nem investigado, porque o Supremo não sustentou juridicamente nada do que foi apurado.



Presidente: Posso (incompreensível)? Eu não posso responder à primeira parte da pergunta do jeito que você quer, porque senão iria prevalecer a tese dele, da censura ao jornal. Eu não quero que vocês deixem de publicar. A minha crítica, que eu tenho feito dezenas de vezes, é de que uma coisa é publicar a informação, outra coisa é prejudicar.

Jornalista: Mas ninguém tem prejudicado.

Presidente: Muitas vezes as pessoas são prejudicadas antes que o fato... Eu... Todos os casos que eu vi do Sarney, de emprego, daquela coisa, eu ficava lendo: os caras procurando... nas matérias de vocês mesmos, não era em outros jornais não, era nas matérias de vocês mesmos. O que a gente percebia era que eram coisas muito frágeis, do ponto de vista de você dizer: “você vai tirar o Presidente do Senado porque a neta dele ligou para ele pedindo um emprego?”

Jornalista: Mas aquilo era um subproduto....

Presidente: Você vai (incompreensível) não (incompreensível)

Jornalista: O caso da neta é o corporativismo, o fisiologismo, os atos secretos. A quantidade de...

Ministro Franklin Martins: Como não tinha número de votos para tirar o Sarney, a campanha acabou.

Presidente: Deixa eu falar uma coisa para você. Eu citei apenas um dado, eu poderia citar outra coisa. O que eu quero aqui é o seguinte: havia uma política premeditada do DEM.



Jornalista: Não, espera aí, só um minutinho. Franklin, o jornal continua publicando informações, com ou sem votos para tirar. Tanto que a história dos apartamentos da empreiteira saiu depois...

Presidente: Mas eu acho ótimo que continue. Eu peço a Deus que continue, porque isso é que vai dando o balizamento para a gente saber das coisas. O que eu acho é o seguinte, gente, olhem, vejam: o DEM tentou fazer isso duas vezes. Na Câmara, na eleição, na disputa com o Aldo, o DEM viu a chance de conseguir eleger um presidente; e no Senado, na eleição do Sarney. O PT tinha sido prejudicado naquela eleição, o Tião foi candidato, e o Sarney tinha me garantido que não era candidato e depois foi candidato. Então, eu poderia...

Jornalista: Com o apoio do Planalto.

Presidente: ...eu poderia estar com mágoa... Quem?

Jornalista: O Sarney foi candidato contra o Tião, com o apoio do Planalto. Levado, inclusive, pela ministra Dilma, à casa dele.

Presidente: Não, deixa eu lhe falar uma coisa. Deixa eu falar uma coisa para vocês: o PT votou no Tião. O que havia, na verdade, era uma contagem de votos. E nessas coisas a gente não se ilude. Eu, investido do cargo de Presidente, eu já recebi muita gente que traz para mim uma lista: "Presidente, vai ter uma eleição, eu vou ter 200 votos". Eu falo: Companheiro, não cabem 200 votos aí, porque eu já recebi outros três que têm 200 votos. Então, não cabe. Então, o que se discutia, na época, era o seguinte: olhe, na hora em que o Sarney construiu a maioria com o DEM e com o PTB, ali é uma contagem de votos, está marcado aquele voto. Ora, qual é a lógica de você - acabou de ter



uma eleição - você tirar quem foi eleito para colocar uma outra pessoa que não daria a sustentação à governabilidade que daria a manutenção do Sarney, com o PMDB e com 20 senadores. E eu não tive medo, e não tenho, de tomar as posições políticas na hora certa, e de fazer as coisas que eu acho que vão dar garantia ao País. E eu acho que resolveu o problema. Os processos estão andando? Estão andando. Vão ser julgados, alguém vai ser punido, alguém não vai ser punido, mas a verdade é que os processos estão andando. E é isso que eu acho que é importante para a democracia.

Jornalista: É, mas o que a gente nota no senhor...

Presidente: O Presidente da República não pode tomar atitude a cada manchete de jornal.

Jornalista: Por enquanto (incompreensível).

Presidente: Eu não posso, eu não posso, eu não posso tomar atitude a partir das manchetes de jornal, senão o Presidente fica louco. O Presidente da República vai aos fatos.

Jornalista: Presidente... (incompreensível). Tudo bem, então, aos fatos. O senhor deu um exemplo, até certo ponto, me permita a expressão, caricato, da neta...

Presidente: E eu sabia...

Jornalista: Agora, a profusão de atos secretos, com a quadrilha montada no Senado, que estava lá dentro...



Presidente: Mas é que o ato secreto...

Jornalista: Peraí, Presidente, deixa eu terminar...

Presidente: ...o ato secreto é uma coisa... Eu vou deixar você terminar.

Jornalista: O que eu acho é (incompreensível) não dão...

Presidente: O ato secreto é o seguinte: o DEM governou aquela Casa durante 14 anos...

Jornalista: Também são deles.

Presidente: ... e a maioria dos atos secretos eram deles.

Jornalista: Dos dois.

Presidente: E eles se esconderam, para pedir investigação do outro lado. Quer dizer, é uma coisa, assim, um pouco inusitada na política.

Jornalista: Presidente, coisas que para o PT e para o governo do PT eram fundamentais, em outras épocas, deixaram de ser.

Presidente: Não, para o PT pode continuar fundamental. Para o PT, as coisas podem continuar fundamentais. Não confunda, eu só quero dizer, não confunda o PT com as decisões de governo. O PT pode continuar tomando a posição que bem entender contra quem bem entender. O governo não é obrigado a seguir nem o PT, na sua totalidade, e nem o PT é obrigado a seguir o governo na sua totalidade.



Jornalista: O senhor acha que os fatos do caso do mensalão do DEM... não vou nem usar a expressão “falam por si”, mas são fatos inverídicos também? São fatos que... Acho que está todo mundo publicando. São fatos que não...?

Presidente: Veja, não. Deixa eu lhe falar uma coisa. No DEM tem um agravante: é que a gravação chegou a gravar o inusitado, chegou a gravar gente cheirando dinheiro, chegou a gravar gente... que em muitos outros casos não tem. Vamos pegar aquela denúncia do Ciro contra o companheiro Silas, que foi ministro da Fazenda [de Minas e Energia]? Onde se sustenta aquela matéria de que tinha dinheiro dentro daquele envelope? Como é que você pode condenar um cara sobre uma coisa que não era possível?

Jornalista: Presidente, no mensalão do PT as pessoas faziam fila no prédio, para ir lá tirar as mesadas.

Presidente: O Presidente da República, veja, o Presidente da República age em função dos fatos que dão tranquilidade a este país. No caso do Sarney foi assim. No caso dos Democratas, aqui, eu tomei uma decisão: o governo federal não tem que dar palpite, nós temos que estar aguardando qual será a decisão da Suprema Corte, com relação ao DF. Não cabe ao governo dar palpite. O que eu não partilho e não comungo é o seguinte: eu já vi, já vi muitas vezes... Ninguém aqui, veja, ninguém defende mais a imprensa do que eu, ninguém. E digo sempre: eu sou o resultado, eu sou o resultado da liberdade de imprensa. Mas na hora em que você analisa o comportamento da imprensa com relação ao meu governo, aí você chega à conclusão de que há uma má vontade excepcional. Mas na eleição de 2006 teve candidato que teve 6% dos votos, que teve mais matéria positiva no jornal do que o Presidente da República. Vocês já viram eu me queixar? Nunca.



Jornalista: Todo Presidente...

Presidente: Nunca me queixei. Não, não. Não, nem todo é assim, nem todo é assim. Eu até compreendo essas coisas, eu até compreendo, eu até compreendo. É por isso que eu digo sempre o seguinte: o meu papel não é ficar chorando nem lamentando, o meu papel é trabalhar, o meu papel é trabalhar. A história se encarrega de dar razão ou não às coisas.

Jornalista: Presidente, só uma coisa, por gentileza. O senhor tem dito, em conversas reservadas, que quando o senhor terminar o governo o senhor vai passar a limpo a história do mensalão. O que o senhor quer dizer com isso?

Presidente: Eu não disse que vou passar a limpo. É que eu acho que tem coisa que precisa investigar e eu quero investigar. E disse até na entrevista para o Kennedy, que eu disse. Eu só não vou fazer isso enquanto for presidente da República. Mas quando eu deixar a Presidência da República, quero saber de algumas coisas, de algumas coisas que eu não sei e que me pareceram muito estranhas, ao longo de todo o processo. Deixa eu deixar a Presidência da República.

Jornalista: O senhor já pode dizer quem foi... quem traiu o senhor?

Presidente: Quando eu deixar a Presidência da República, aí você me faz a entrevista sobre isso, que eu posso falar com você.

Jornalista: O senhor já pode contar quem?

Presidente: Não, não. Quando eu terminar a Presidência, você me faz uma



entrevista sobre isso. Não sei se eu terei mais importância para isso. Você faça a pergunta e eu responderei sobre esses e outros problemas, que aí, sem o cargo de presidente, eu vou estar muito mais livre para dizer determinadas coisas.

Jornalista: O senhor acha que o senhor fez um governo de esquerda?

Presidente: Veja, Vera, eu não sei qual é a avaliação, eu não sei qual é a avaliação...

Jornalista: Porque o senhor, quando era dirigente sindical, dizia: “Mais à esquerda que o senhor, só imbecil”, era isso que o senhor dizia.

Presidente: Não, deixa eu falar uma coisa para você. O que é fazer um governo de esquerda, na sua opinião? É gerar muitos empregos? Nós geramos. É fazer... Você não acha bonito que um governo de esquerda, como eu, passe para a história como o Presidente que mais fez universidades no País, como o que mais fez escolas técnicas no País, como o que fez mais creches no País, como o que gerou mais empregos no País? Isso tudo vai ser uma coisa que o partido vai discutir. Pode ser que, para alguns, ser de esquerda é outra coisa, pode ser. Para mim, eu quero ser medido pelas realizações que eu fiz neste país. Ideologicamente, se... Você veja, eu vou passar para a história sem ter brigado com os Estados Unidos, virei amigo do Bush, virei amigo do Obama, virei amigo do Chirac, amigo do Sarkozy, amigo do Aznar, amigo do Zapatero.

Jornalista: Mas está amigo do Irã e criando um monte...

Presidente: Então, eu fiquei amigo de todo mundo. Eu não tive chance de



brigar com ninguém.

Jornalista: Virou amigo do Chávez...

Presidente: Amigo do Chávez, amigo da Cristina, amigo do Evo Morales, amigo do Daniel Ortega, amigo do Ahmadinejad, amigo do Shimon Peres.

Jornalista: Mas a sua amizade com o (incompreensível) Ahmadinejad (incompreensível). Foi uma metamorfose...

Jornalista: Mas o senhor não acha que o companheiro Chávez está passando do limite?

Presidente: Deixa eu lhe falar uma coisa, deixa eu dizer uma coisa para vocês, que eu pensei que vocês iam perguntar, não perguntaram, e eu vou dizer para vocês. Eu penso que nós... acho que nós estamos mudando um pouco a visão dogmática que as pessoas tinham do mundo. Eu descobri uma coisa sagrada, ou seja, eu descobri que ninguém, ninguém é melhor do que um presidente do Brasil, pode ter igual. Aquela concepção da subserviência, aquela submissão ao FMI descendo aqui, Ana não sei das quantas, já descia no aeroporto de Recife dizendo o que tinha que fazer, acabou. Aquele negócio de o Brasil não ser convidado para nada acabou, o Brasil virou importante. Virou importante porque o povo acreditou no Brasil, porque a autoestima está elevada, porque nós fizemos as coisas certas, porque nós tivemos incidência nas coisas, que aqueles que pareciam que iam ter a vida inteira não tiveram. Então, é importante vocês terem em conta isso. Então, por que eu quero conversar com o Irã? Por que eu quero conversar com o Irã? Porque eu acho que o Irã é uma coisa mal resolvida, e o Irã não é o Iraque. E todos nós sabemos que a guerra do Iraque foi uma mentira montada em cima de um país que não tinha as



armas químicas que diziam que tinha. Ora, a gente se esqueceu que o cara que fiscalizava a arma química era um brasileiro.

Jornalista: Que foi degolado, decapitado.

Presidente: Que foi decapitado, decapitado a pedido do governo americano, para que não dissesse que não tinha armas químicas no Iraque. Armas químicas... Então, veja, então houve esse episódio. Eu conversei isso com o Bush no dia 10 de dezembro de 2002, eu nem era presidente da República ainda, era só eleito. Eu falei: Presidente, não tem armas químicas no Iraque. O nosso embaixador, José Bustani, ele era o chefe. Não tem armas químicas. Eu falei: então, não estou interessado nessa guerra. Ela está a 12 mil quilômetros do Brasil. Eu estou preocupado é com a miséria do meu país. Hoje, já passaram quantos anos? Cadê a arma química? A única arma química que o Iraque teve foi dada pelos americanos para poder atacar o Irã.

Então, você inventa uma história... E eu não quero é que a história se repita, pura e simplesmente. Eu sou favorável à gente estabelecer... Para mim, a paz no Oriente Médio, ela não é uma coisa que a gente possa dizer, hegemônica, dos Estados Unidos, ou hegemônica de uma outra nação. É preciso saber o seguinte: o que é preciso fazer para construir a paz no Oriente Médio? Porque uma coisa é o seguinte: o povo judeu quer paz, algumas pessoas do governo querem? Eu tenho dúvida. Shimon Peres eu sei que quer, porque já em [19]93 ele queria. Quem é que quer paz na Palestina? A Autoridade Palestina, eu sei que quer. O Arafat, eu sei que queria. O Hamas quer? Quem é que orienta o Hamas? Quem é que tem incidência sobre o Hamas? O Irã tem incidência? Tem. Agora, o Catar é parceiro dos americanos, que também têm incidência no Hamas. Ou seja, então, ou você junta todos aqueles... Eu perguntei para a Autoridade Palestina: escuta aqui, eu estou indo à Palestina. Eu queria conversar com o Hamas e quero saber se vocês



concordam. “Não, não concorda”. Ora, como é que é possível negociar a paz, se a parte que não quer a paz, que é o Hamas, não é chamado para a mesa de negociação? Alguém tem que chamar. Alguém tem que colocar o pescoço no guizo do gato [o guizo no pescoço do gato] e falar: “Escuta aqui, vamos...” Porque se você não tiver uma proposta única da Palestina para a paz, por que Israel vai fazer acordo de paz, se lá dentro da Palestina tem gente dizendo que quer um plebiscito, um referendo?

Então, eu defendo a tese de que esse assunto está mal discutido. Nós propusemos aquela reunião de Annapolis, houve uma reunião. A outra era para ter sido marcada na Rússia, já faz mais de dois anos, não aconteceu a outra. Então, eu fico me perguntando: quem é que quer paz no Oriente Médio? A quem interessa a paz e a quem interessa o conflito? Quem ganha com as duas coisas?

Então, eu tenho conversado com muita gente. Conversei com o Shimon Peres. Em 15 dias, não é, Clara? Com o Shimon Peres, com a Autoridade Palestina, com o Ahmadinejad, e quero conversar com todos os grupos porque eu quero entender: por que todo mundo quer paz e não tem paz? Quantos Prêmios Nobel já ganharam as pessoas que tiram fotografias dando a mãozinha assim, rindo, abençoado por um presidente americano? E por que não acontece a paz? Então, eu sou favorável a que mude a interlocução, que se acrescente novos interlocutores nessa negociação, que se envolva todos os agentes que são contra. Eu fui, por exemplo, conversar com o Ahmadinejad. Eu falei: Escuta aqui, esse negócio do Holocausto, é verdade que você não acredita? Porque, se é verdade, só você não acredita, o mundo inteiro acredita. “Não, não é bem isso. É que eu tenho uma tese de que morreram 60 milhões de gente na Segunda Guerra, e os judeus, só eles acham que eles morreram”. Falei: Então, você diga diferente. Diga que morreram 60 milhões, mas reconheça que morreram 6 milhões que não estavam em guerra, que foram trucidados. Então, se você não estabelecer um clima de conversa, de



confiança... Isso pressupõe muita, muita conversa, muito trocar de mão, muito aperto, senão não resolve o problema, não resolve o problema. E aí vale para todo mundo. Vale para o Chávez e para o Uribe, vale... Você veja como a Bolívia está em paz hoje, tranquila, vivendo a sua vidinha, o PIB crescendo.

Jornalista: Essa posição ajuda mais ou atrapalha mais o Brasil na meta de buscar uma cadeira no Conselho de Segurança?

Presidente: Eu não sei. Veja, a cadeira, ela não depende do comportamento do Brasil. A cadeira no Conselho de Segurança Nacional é, na verdade, um direito que este país e o mundo adquiriram. O Conselho de Segurança está superado, não representa mais o mapa geopolítico do Planeta. Tem outras autoridades no mundo que precisam estar, a América do Sul tem que estar representada, e a América Latina, a África tem que estar representada. Por que o Japão não está, por que a Alemanha não está, por que a Índia não está? Então, é essa a discussão. E essas coisas vão acontecendo, vão aflorando. Era humanamente impossível você imaginar, um tempo atrás, um país da América Latina ser convidado para o G-8. Nós já fomos para o G-8, para o G-7, para o G-13, para o G-12, para o G-14, para o G-20, porque a dinâmica da política vai mudando isso. Então, eu trabalho muito com essa questão do Irã, trabalho muito com essa questão das divergências. As divergências são inerentes ao fortalecimento do exercício da democracia.

Jornalista: O senhor continua achando que a Venezuela é uma democracia?

Ministro Franklin Martins: Presidente, a sua preferência pelo Estadão é uma coisa marcante... Tá falando a quase duas horas...

Presidente: A única coisa que eu acho grave é o prejulgamento que se faz



com determinadas pessoas. O Chávez tem deficiências? Certamente que tem, certamente que tem. Agora...

Jornalista: O senhor continua achando que a Venezuela é uma democracia?

Presidente: Eu acho que é uma democracia.

Jornalista: Então, o seu governo aqui é o quê?

Presidente: Eu acho que é democracia, “hiperdemocracia”. O meu é a essência da democracia.

Jornalista: O senhor acha que a ministra Dilma, quando ela sair do governo, sem o senhor ali do lado, ela vai...

Presidente: Você está convidada, Tânia, sábado eu vou fazer um discurso, que eu vou falar da Dilma. Então, você vá lá na convenção do PT, que eu vou falar da Dilma, e aí você...

Jornalista: Pois é, eu vou...

(\$31DHJLP)